

Reflexões sobre a importância do estudo do cotidiano e sua interface com o turismo

Reflections on the importance of the everyday life study and your tourism interface

Reflexiones sobre la importancia del estudio de la vida cotidiana y su interfaz con el turismo

Elizabete Sayuri Kushano¹
Miguel Bahl²
Silvana do Rocio de Souza³

Resumo

Os estudos sobre o cotidiano revelam, dentre outras características, os hábitos e costumes das pessoas ditas “comuns”. Este trabalho teve como objetivo principal refletir sobre a interface cotidiano e turismo, destacando os efeitos, sejam eles positivos ou negativos, em relação às alterações no cotidiano tanto de visitados quanto de visitantes em face do contato com o fluxo turístico. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica que apresentou como resultados preliminares a constatação da importância do estudo do cotidiano e de como turismo e cotidiano estão imbricados, perfazendo uma relação de interdependência. Além disso, pode-se observar, conforme literatura, que o turismo costuma causar alterações no cotidiano tanto de visitados quanto de visitantes.

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Docente no Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da UFPR, Setor Litoral. E-mail: sayuritur@gmail.com

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), docente do Curso de Graduação em Turismo e no Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Geografia e no Programa de Mestrado em Turismo (UFPR). E-mail: migbahl@gmail.com

³ Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), docente do Curso de Graduação em Turismo e no Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Turismo (UFPR). E-mail: silvanarcsouza@hotmail.com

Palavras chave: Turismo. Cotidiano. Impactos. Visitante. Visitado.

Abstract

Studies about everyday, among other characteristics, habits and customs of so-called "ordinary" people. This study aimed to reflect on the daily life and tourism interface, highlighting the effects, whether positive or negative, in relation to changes in the daily lives of both visited as visitors in face contact with the tourist flow. The methodology used was literature that presented as preliminary results the realization of the importance of daily study and how tourism and daily life are intertwined, making an interdependent relationship. In addition, it can be seen as literature, that tourism tends to cause changes in daily life both visited as visitors.

Keywords: Tourism. Everyday life. Impacts. Visitors. Visited

Resumén

Los estudios sobre la vida diaria, presentan, entre otras características, usos y costumbres de los llamados gente "común". Este estudio tuvo como objetivo reflexionar sobre la interfaz de la vida diaria y el turismo, destacando los efectos, sea positivo o negativo, en relación a los cambios en la vida cotidiana de ambos anfitriones y turistas en el contacto con el flujo turístico. La metodología utilizada fue la pesquisa bibliográfica que se presenta como resultados preliminares la importancia del estudio de la vida diario y cómo el turismo y la vida cotidiana se entrelazan, haciendo una relación de interdependencia. Además, se puede observar en la literatura, que el turismo tiende a causar cambios en la vida cotidiana de los anfitriones y de los turistas.

Palabras claves: Turismo. Vida cotidiana. Impactos. Visitante. Visitado.

1. Introdução

O discurso acadêmico a respeito do Turismo tem sido comumente pautado em seus aspectos positivos e negativos. Em se tratando dos aspectos positivos, destacam-se a questão da preservação ambiental; da autoestima da população local; da geração de trabalho, de emprego e de renda; do fortalecimento da identidade cultural; entre outros. Porém, evidencia-se que o turismo sem planejamento ou mal planejado acarreta justamente o contrário, tendo-se então os aspectos negativos, ou seja, antagônicos aos anteriormente elencados. Em se tratando da geração de trabalho, emprego e renda, muitas vezes se observam subempregos, sendo os melhores postos direcionados aos profissionais de outras regiões ou mesmo de outros países.

A título de exemplo, as relações entre visitados e visitantes podem ser consideradas positivas ou negativas e já foram pesquisadas em diversas culturas. Na medida em que cada lugar apresenta suas peculiaridades, salienta-se o cuidado de não

ser contundente quanto a dizer que o turismo desencadeia o intercâmbio de culturas e de relações humanas, ou se o contrário é observado de uma forma geral.

De fato, parece haver, em discursos em que prevalecem as polaridades, como ainda é recorrente nas pesquisas em Turismo, uma visão turva sobre as nuances que acompanham os efeitos de tal fenômeno social. Nesse sentido, no presente artigo se vislumbrou refletir sobre a interface cotidiano e turismo, destacando os efeitos, sejam eles positivos ou negativos, em relação às alterações no cotidiano tanto de visitados quanto de visitantes em face do contato com o fluxo turístico. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica. Primeiramente foi realizada pesquisa sobre o tema do cotidiano, atentando para a Geografia do Cotidiano, por ser este estudo adaptado da tese “Turismo, Infância e Cotidiano: percepções e sentimentos de crianças residentes em Matinhos - PR”, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no ano de 2015. Assim, buscou-se autores da Geografia para embasar os estudos do cotidiano; além disso, devido ao objeto da tese, autores da área de Educação e da Sociologia também foram citados. Desta forma, autores como Certeau e, posteriormente, Maffesoli compuseram a análise.

Em relação à abordagem geográfica, esta se justifica, pois, conforme Castro (2006), desde o século XIX o fenômeno turístico vem despertando interesse nos geógrafos, e as teorias do espaço turístico foram surgindo a partir dos anos 1950 do século XX.

A Geografia é importante para o estudo do turismo devido ao caráter espacial da atividade turística. Da mesma forma, o turismo tende a se beneficiar da capacidade de análise espacial peculiar nos estudos geográficos. Particularmente, a Geografia Humanística pode contribuir para um enfoque humano aplicado à epistemologia do Turismo, bem como para a humanização das viagens (GONÇALVES, 2008). Um dos estudos que perpassam as categorias de análise geográfica é o cotidiano.

A partir do entendimento teórico do cotidiano e sua importância, foi realizada pesquisa bibliográfica que se ateve em apresentar algumas reflexões e exemplos práticos sobre a interface cotidiano e turismo, ressaltando as possíveis alterações no cotidiano de visitados e de visitantes, sejam elas positivas ou negativas, a partir do advento do fluxo turístico. Assim, buscou-se citar literatura nacional e internacional, especialmente de revistas científicas na área de Turismo.

2. O estudo do cotidiano

O poema “Cidadezinha qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade, remete ao dia a dia de uma pacata cidade que poderia estar localizada em várias regiões do Brasil. Nela, parece não haver nada que surpreenda o olhar de quem a observa. Ao contrário, a paisagem retratada é de alguém que sabe o que está por vir, alguém porventura enfadado com o seu cotidiano, bem como com o cotidiano de sua cidade, expressando, assim, uma monotonia:

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar

Um homem vai devagar
Um cachorro vai devagar
Um burro vai devagar
Devagar... as janelas olham
Eta vida besta, meu Deus.
(ANDRADE, 1969)⁴

Porém, em muitos casos, o cotidiano é o inverso ao retratado pelo poeta. Especialmente nas grandes metrópoles, o ritmo frenético do dia a dia faz com que as pessoas se apressem para conseguir embarcar em sua condução “casa-trabalho-trabalho-casa”; comumente, muitas desempenham vários papéis sociais, tais como os de profissional, de cônjuge, de pai ou mãe, de filho ou filha, entre outros, o que faz a rotina do cotidiano se tornar estressante.

Há casos, contudo, que a rotina do cotidiano apraz àquelas pessoas que gostam de planejar suas vidas e se sentem satisfeitas com as atividades diárias, sejam de trabalho, de estudo, de tarefas domésticas, de obrigações religiosas, de lazer, entre outras.

O cotidiano se realiza em tudo o que acontece diariamente na vida das pessoas. Para Certeau (1994), na arte do fazer cotidiano, não há seres passivos, mas indivíduos que operam comumente sobre o contexto e constroem variações, pois o cotidiano se inventa de maneiras diversas.

O estudo do cotidiano envolve a análise do indivíduo de modo geral e as suas relações com outros indivíduos (GIL; GIL FILHO, 2008). Ademais, como objeto de análise das ciências humanas e sociais, verifica-se estar em grande expansão. Para Bittencourt (2004), o cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo, pois possibilita visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a ideia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação. E, Maffesoli (2008), reafirma a necessidade de uma sociologia mais atenta às questões do cotidiano. Para este autor:

Nunca é demais insistir na nobreza da vida cotidiana. Pode-se dizer que é a partir do “ordinário” que é elaborado o conhecimento do social. É conveniente insistir nisso, pois, por um lado, tal como um ponto cego, trata-se de um domínio que era estranhamente ignorado pelos intelectuais, e por outro, esse cotidiano parece ser uma das principais características do estilo estético do qual nos ocupamos aqui (MAFFESOLI, 1995, p. 63).

O estilo em sobreposição ao conceito de cotidiano é argumentado por Maffesoli, a partir das seguintes palavras:

O cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido de [...] algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto. De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma “encarnação” ou ainda a projeção concreta de

⁴ Originalmente escrito por Carlos Drummond de Andrade, em seu primeiro livro, intitulado **Alguma Poesia**, datado de 1930.

todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura (MAFFESOLI, 1995, p. 64).

Deste modo, a vida diária é considerada como reveladora de estilos de cada época geracional.

A questão do cotidiano e da História, perpassando a Geografia, bem como os problemas do cotidiano, não são menores, sendo a História uma construção do dia a dia de atores comuns, que são a maioria (DEL PRIORE, 1997). Nesse sentido, cotidiano e história não são noções contraditórias. Precisa-se, pois, analisar de que maneira se operam as relações entre ambos, relações que colocam “[...] muitas perguntas ao historiador, ao geógrafo ou a outros cientistas sociais preocupados em recuperar os laços entre o social e o individual, o social e o histórico” (LASTÓRIA; MELLO, 2008, p. 3).

Ao se pensar um conceito para cotidiano, Heller (1985, p. 17) a ele acrescenta a ideia de vida, discorrendo a vida cotidiana como:

[...] a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Para Barbosa (2000), o cotidiano é o tempo vivido pelas pessoas, enquanto a rotina é uma construção que se faz para organizar o cotidiano. Essa distinção é válida, pois usualmente se observa o emprego de rotina como sinônimo de cotidiano. Assim, “a rotina é apenas um dos elementos que integra o cotidiano” (BARBOSA, 2000, p. 43).

Conforme Lefebvre (1984), o cotidiano é abrangente e refere-se a um espaço-tempo fundamental para a vida humana. Nele acontecem as atividades repetitivas, rotineiras, triviais, como também a possibilidade de encontrar o inesperado, onde há margem para a inovação, onde se pode alcançar o “extraordinário do ordinário” (LEFEBVRE, 1984, p. 51).

Gil e Gil Filho (2008, p. 7) conceituam a geografia do cotidiano como: “[...] a geografia do modo de ser, fazer, representar, numa visão do olhar das pessoas que vivem, passam ou habitam um bairro de uma cidade”. Ainda segundo os autores, “é o estudo do ‘mundo vivido’ de indivíduos ou pequenos grupos” (p. 7). Por sua vez, devido ao seu uso habitual, para Certeau, Giard e Mayol (1997) o significado de bairro pode ser considerado como a privatização progressiva do espaço. O espaço de um bairro é entendido como um palco onde ocorrem diferentes práticas realizadas pelos indivíduos e grupos sociais (GIL; GIL FILHO, 2008).

Para Souza (2009, p. 1), a geografia está no cotidiano e o cotidiano está na geografia:

[...] pois produzimos geografia diariamente, mesmo de forma inconsciente, em cada atividade efetuada no espaço geográfico: ir ao trabalho ou à escola, mapeando mentalmente o caminho (mapas mentais/localização/ orientação); fazer compras na feira livre ou supermercado e perguntar/olhar o rótulo sobre

a origem dos produtos (agricultura/indústria/comércio/circulação e transporte); assistindo a um telejornal e observando os mapas apresentados nas reportagens ou na previsão do tempo (escala/clima); torcendo pelo time preferido na televisão ou num estádio (território/geopolítica/geoestratégia), dentre outras atividades comuns/cotidianas, mas que a geografia se faz presente e pode/deve nos auxiliar na apreensão da realidade.

Perceber o cotidiano para o entendimento da sociedade contemporânea e, sobretudo, analisar a importância do estudo do cotidiano na apreensão da realidade, requer um olhar atento aos atores sociais e como esses se relacionam com o mundo por eles vivido.

Qualquer que seja o modo como as pessoas encaram o seu dia a dia, pode-se dizer que é inerente ao ser humano o anseio por uma escapadela da rotina do cotidiano. Uma das formas de escapar da rotina do cotidiano é o turismo. De fato, uma das motivações principais dos turistas é fugir do seu cotidiano. O movimento do “sair de” e “ir para” causa uma sensação de aventura, prazer e busca pelo diferente (WAIMBERG, 2002), que movimentam o fluxo turístico ao redor do mundo. Todavia, o que efetivamente o estudo do cotidiano tem a acrescentar ao estudo do turismo? Pode o fluxo turístico alterar o cotidiano de visitados e de visitantes?

3. O turismo como prática social e o cotidiano do visitante e do visitado

A partir de uma perspectiva que estabelece o turismo como um encontro, há que se refletir o turismo no âmbito social trazendo à tona se, efetivamente, o turista viaja com predisposição a interagir/encontrar-se com pessoas e, até mesmo, consigo mesmo. Conforme as palavras de Crouch (2004, p. 117), “o turismo é um encontro. Um encontro entre pessoas, pessoas e espaço, no meio de pessoas [...] que engendra expectativas, desejos, contextos e representações, imaginação e sentimento”. Ora, pois não raro escutam-se expressões como “preciso me encontrar”, ou “preciso viajar para esquecer os problemas”, ou “preciso conhecer novas pessoas e lugares”, entre outras.

Para Krippendorf (2000), a necessidade de viajar é, sobretudo, marcada pelo cotidiano:

As pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho, seja onde moram. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente da rotina massificante do dia a dia [...] (KRIPPENDORF, 2000, p. 14-15).

De fato, o turismo tem sido apontado como um “escape da monotonia cotidiana” (YÁZIGI, 2001, p. 288), sendo o turista uma “espécie de peregrino contemporâneo, procurando autenticidade em outras ‘épocas’ e em outros ‘lugares’, distanciados de sua vida cotidiana” (URRY, 1999, p. 24-25). Nesse sentido, Urry (p. 28) salienta que “o turismo resulta de uma divisão binária básica entre o ordinário/cotidiano e o extraordinário”. Para o referido autor, a motivação turística é construída e alimentada

durante a rotina (o ordinário), ao passo que a prática turística é um período momentâneo de ruptura espacial e social dos laços cotidianos, em que o turista presencia no destino turístico as situações extraordinárias.

As situações extraordinárias são o que causam, no turista, em maior ou menor grau, a busca pelo diferente; e o impulsiona a querer conhecer e colecionar lugares, desbravar paisagens e adentrar culturas.

Todavia, há um paradoxo nessa busca pelo diferente, pois conforme Harvey (1992, p. 188):

Os movimentos cíclicos e repetitivos (do café da manhã a ida ao trabalho a rituais sazonais como festas populares, aniversários, férias, abertura das temporadas esportivas) oferecem uma sensação de segurança num mundo em que o impulso geral do progresso parece ser sempre para a frente e para o alto - na direção ao firmamento e ao desconhecido.

Para o autor, os rituais sazonais, dentre os quais as férias, fazem parte de movimentos cíclicos e repetitivos, que ao contrário de ter uma conotação de busca pelo desconhecido, promovem, em realidade, sensação de segurança.

Em uma análise das representações de turistas sobre a Lisboa contemporânea, Barreira (2010, p. 24) colheu entrevistas, tais como uma que se apresenta a seguir:

Enquanto turista, acordo no hotel, é-me servido o pequeno almoço ao mesmo tempo em que penso no percurso do dia. Já em casa, tenho que preparar o pequeno almoço, ver se minha filha tem tudo na mochila, levá-la na escola, só então paro para pensar no dia (turista belga, 38 anos, sexo feminino).

Para a autora supracitada, que denomina os turistas de 'narradores do mundo contemporâneo', é factível "[...] pensar o cotidiano e o turismo não como oposições, e sim como zonas fronteiriças e articuladas" (BARREIRA, 2010, p. 24), o que remete ao pensamento de que os visitantes são portadores de sentidos e interpretações sobre o tempo vivido em suas cidades de origem.

Krippendorf (2000, p. 55) apresenta outro paradoxo ao discorrer que "[...] fugindo-se do cotidiano pelo anticotidiano, a pessoa, fatalmente, se descobre no cotidiano". Tal fato pode vir a acontecer quando não se deseja abandonar por completo os hábitos que confortam uma pessoa, ou seja, que são habituais em seu cotidiano, como por exemplo, os relacionados à alimentação, ao lazer, entre outros.

Além das questões anteriormente expostas, há que se notar o tipo de influência que o turista pode ocasionar no destino turístico. O turista não chega a uma terra ausente de história e não se pode negar o seu papel de agente a intervir na história dos lugares, indivíduos e grupos sociais.

O turista é também parte integrante da história dos destinos que visita, reconstruindo-os e transformando-os; o turista é um fator reestruturante das práticas cotidianas; ele agrega novas memórias ao imaginário popular dos lugares (BEDIM; PAULA, 2007, p. 3).

Além disso, o turista:

[...] participa de um cotidiano desconhecido, que apresenta manifestações diversas, soma de toda uma cultura, manifestada por meio das artes, do folclore, da gastronomia, do artesanato, do comércio e indústria, dos contatos humanos e materiais, do comportamento em geral da localidade (SARTOR, 1977, p. 29).

Nessa mesma direção, para Fratucci (2001, p. 57), a importância do turismo para o habitante de uma destinação é a consolidação de sua identidade com o seu lugar, pois “a interação com o turista, torna-se fator de fortalecimento e de recriação da sua noção de pertencimento ao seu lugar”.

Todavia, conforme Krippendorf (2000, p. 85), “o turista esquece que [...] a experiência única que ele vive representa, para o autóctone, a repetição contínua das mesmas situações”. Além do que, o turista não consegue perceber o lugar com a mesma magnitude de uma pessoa que ali reside há muito tempo. Tuan (1980) analisa que o visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente:

Em uma sociedade tradicional estável os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total; suas visões do ambiente não têm, talvez, muita importância. [...] em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada de sua emersão na totalidade de seu meio ambiente (TUAN, 1980, p. 72).

Pelo exposto, afirma-se que cotidiano e turismo mesclam-se no mesmo lugar e ambos se povoam de espetáculo e fantasias que se exteriorizam na organização do território (YÁZIGI, 2001). Ainda segundo o autor:

Muitos podem ser os significados da paisagem para o morador e para o turista. Entre tantas possibilidades para um e outro, a expectativa do espetáculo costuma ocupar importante papel no repertório turístico. Mas espetáculo não significa, necessariamente, artificialidade ou megaproduções, embora isto ocorra. A experiência do cotidiano das cidades, uma floresta ou um simples pôr do sol são espetáculos. Logo, a autenticidade do que é produzido em função do dia a dia pode se converter em repertório turístico, desde que na perspectiva da ascensão social e da dignificação do mundo material. (YÁZIGI, 2001, p. 290).

Nesse mesmo sentido, Castrogiovani (2001) analisa que os visitantes de uma cidade podem ter uma leitura muito tênue daquilo que um determinado espaço urbano pode significar em termos de prazer cotidiano para os residentes permanentes. Assim, muitas vezes, os visitantes fazem uma leitura de que muito do que existe no espaço urbano, como por exemplo, os equipamentos de lazer público, estão lá com o intuito maior de atendê-los.

As reflexões anteriormente expostas remetem a duas questões: a primeira, que o planejamento turístico das localidades não deve estar dissociado das práticas do cotidiano; ao contrário, podem ser singulares e fator decisivo na escolha por um destino. No entanto, como salienta Bahl (2003), algumas localidades receptoras são alteradas,

criando cenários artificiais que podem descaracterizar o cotidiano preexistente. No tópico a seguir, serão apresentados alguns exemplos de como o turismo pode ocasionar alterações no cotidiano tanto de visitados como de visitantes.

3.1 Exemplos do cotidiano do visitado e do visitante

Em uma análise sociológica do Turismo, Urry (1999), analisa que parece haver um modo relativamente superficial mediante o qual as culturas nativas têm de ser, necessariamente, apresentadas ao turista. Em relação a Bali, por exemplo, muitas características da arte e da cultura balinesa são:

[...] desconcertantemente complexos e alheios à maneira de ser ocidental que não se prestam com facilidade a um excesso de simplificação e à produção em massa, que converte formas de arte nativa em kitsch para turistas. (TURNER; ASH, 1975, p. 159⁵ citados por URRY, p. 24).

A segunda questão refere-se ao olhar do visitado. Ao expor o seu cotidiano no repertório turístico, também precede que a própria atividade interfere no seu dia a dia. Assim, há que se refletir se a perspectiva da ascensão social e da dignificação do mundo material acontece na prática (YÁZIGI, 2000).

Para Krippendorf (2000, p. 69), “a voz da população local continua praticamente inaudível”. Ele cita que, nas montanhas suíças, por exemplo, os habitantes das localidades turísticas aprenderam a viver com o turismo, e eles satisfaziam quase todos os desejos de seus visitantes. Todavia, também lhes aprazia o fato de o fluxo turístico não durar o ano todo.

Eles têm necessidades desses meses que se estendem entre as épocas de alta e baixa estação para se refazerem do turismo, para restabelecer o contato com os vizinhos e amigos da aldeia e reencontrar o espírito comunitário. (KRIPPENDORF, 2000, p. 69-70).

Por sua vez, grande parte das regiões litorâneas do Brasil convive com a sobrecarga do turismo sem planejamento, que pode acabar por inviabilizar a própria atividade (MENDONÇA, 2001). Segundo o autor:

As localidades turísticas têm dificuldades em solucionar os problemas de saneamento básico, pois a demanda sobre estes serviços é multiplicada, às vezes, por cem, em épocas de temporada e fins de semana prolongados. Nesses períodos, os efluentes domésticos chegam a atingir níveis muito superiores à capacidade de saturação: os despejos de fossas e esgotos acabam contaminando as praias, comprometendo a balneabilidade de suas águas. É também difícil organizar a coleta de lixo, e muitas vezes é impossível estabelecer um local apropriado para o seu despejo que, ou fica disperso por várias áreas sem um tratamento adequado, ou a municipalidade deve negociar a sua deposição em algum município vizinho [...] (MENDONÇA, 2001, p. 22).

⁵ TURNER, V.; ASH, J. *The Golden Horders*. London: Constable, 1975.

A citação tem relação com diversos estudos sobre a percepção de moradores de localidades turísticas em relação a alterações em seu cotidiano de baixa temporada e de alta temporada. Como exemplo, de acordo com Carvalho (2010), uma pesquisa realizada no município de Cajueiro da Praia (PI) junto aos moradores de Barra Grande, um de seus povoados, apontou que 90% dos pesquisados afirmaram que a atividade turística local trouxe efeitos negativos para o município, enquanto 5% disseram que não, e outros 5% não souberam responder.

O autor menciona que, na mesma pesquisa, 42% dos pesquisados afirmaram que houve especulação imobiliária e elevação dos preços de produtos e serviços; 30% apontaram poluição de praias, rios e lagoas; 14% apontaram poluição sonora; 11% apontaram destruição da vegetação local, e 16% citaram outros impactos negativos, como o aumento da violência e do consumo de drogas. No entanto, entre os aspectos positivos apontados, destacam-se o aumento de empregos e renda (32%), bem como o aumento na oferta de serviços (27%). (CARVALHO, 2010).

Outro estudo, realizado por Costa (2011) nos balneários de Praia de Leste, Santa Teresinha e Ipanema, no litoral paranaense, destacou os impactos causados pelo turismo na temporada, relatando que os moradores dos três balneários pesquisados lamentaram a precária educação e a indiferença do turista com relação à manutenção da limpeza e conservação local, o que afetava negativamente o cotidiano dos moradores.

Quanto ao turismo de massa em destinações litorâneas, Tuan (1980, p. 131) analisa que não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos:

Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura. Além disso, o corpo humano, que normalmente desfruta apenas do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia.

Em se tratando da aversão dos moradores de lugares litorâneos, cita-se a pesquisa que utilizou o modelo de Doxey (1975)⁶ e foi realizada em Ponta Negra (RN),

⁶ A pesquisa realizada por Doxey (1975) identifica a existência de impactos recíprocos entre turistas e residentes, os quais são medidos em graus de “irritação”, tendo como correlação os estágios de desenvolvimento da destinação turística na qual ambos os atores estão inseridos. Os quatro estágios no índice de irritabilidade sustentados são: euforia, apatia, irritação, antagonismo. Conforme Doxey (1975), o estágio da euforia está associado com a fase inicial do desenvolvimento turístico em determinada localidade. O turismo é visto de forma idealizada, com vistas a gerar desenvolvimento, lucros. O segundo estágio, a apatia, é caracterizado pela relação de formalidade entre residentes e visitantes. Na fase seguinte, surge o sentimento de irritação, que ocorre quando o local atingiu o ponto de saturação. O questionamento dos residentes acerca da presença dos turistas e a preocupação das autoridades locais em aumentar a infraestrutura para melhor receber os visitantes marcam essa fase. A última fase é a ascensão da irritabilidade, o antagonismo, em que os residentes se manifestam abertamente contra os turistas, enquanto as autoridades locais buscam formas de aumentar o nível de promoção da

para analisar a atitude da população residente naquela localidade em relação aos turistas. Foram distribuídos 73 questionários com perguntas abertas e fechadas entre os moradores, com pelo menos três anos de residência no bairro.

Os resultados da pesquisa apontaram que 65% dos entrevistados disseram ser muito frequente o contato com turistas, envolvendo, na maioria dos casos relatados, conversas e bate-papos. Todos os entrevistados, sem exceção, mencionaram que o turismo contribuía para a geração de renda, mas também contribuía para o aumento do custo de vida. No entanto, não apresentaram expressão de indiferença, irritação, revolta ou saturação em relação aos turistas, visto que, na maioria das vezes, eles parecem ser mais desejáveis ao destino do que o contrário (AIRES; FORTES, 2011).

Quanto à percepção dos residentes sobre os impactos negativos do turismo, 87,7% dos entrevistados mencionaram o governo e autoridades locais como os principais responsáveis pela infraestrutura inadequada e a falta de banheiros públicos no calçadão e pela falta de segurança e o aumento de preços e custo de vida (AIRES; FORTES, 2011).

Os turistas foram considerados responsáveis por alguns efeitos negativos do turismo por 50 entrevistados, o que correspondeu a 68,5% da amostra. Os problemas relacionados com o aumento da prostituição, o aumento do consumo de drogas e a especulação imobiliária foram os mais mencionados (AIRES; FORTES, 2011).

A pesquisa anteriormente mencionada aponta para a percepção de efeitos positivos e negativos do turismo naquela localidade. Tais exemplificações vão ao encontro do que MacCannel (1973), citado por Urry (1996, p. 26-27)⁷, assevera, ao dizer que muitas vezes o turismo praticado dispensa as pessoas das obrigações cotidianas, ou as mesmas são suspensas ou invertidas. “Existe uma licença para um comportamento permissivo, alegre, ‘não-sério’ e o encorajamento de uma ‘comunitas’ relativamente livre de restrições, bem como de uma proximidade social”.

Nessa linha de pensamento, Barretto (2004, p. 133) salienta que:

[...] a relação entre visitantes e visitados, apesar de ter uma característica comum, qual seja a efemeridade, difere em função de vários fatores condicionantes, tais como diferença social, econômica, cultural e étnica. Também varia em função do comportamento dos turistas, que, por sua vez, está condicionado a outros fatores, como nível educacional e motivação para viajar, e da atitude dos diversos setores da população local, que também está subordinada aos efeitos que o turismo provoca na sua vida cotidiana ao longo do tempo.

Ainda, é mister destacar as questões econômicas e, sobretudo, ambientais, que engendram a relação visitados e visitantes. Nesse sentido, Lage e Milone (2000, p. 18) opinam que:

região para superar qualquer imagem negativa que tenha sido criada. (DOXEY, J. **Development of tourism destinations**. London: Torbay, 1975).

⁷ MacCANNELL, D. **Staged authenticity**: arrangements of social space in tourist settings. *American Sociological Review*, 79, 1973. p. 589-603.

É comum que a percepção do turismo pelos residentes dos países receptores altere-se ao longo do tempo. Historicamente, o turismo começa sem qualquer planejamento formal e é bem visto pelos cidadãos dos países de destinação por causa da promessa de benefícios econômicos e em virtude da curiosidade humana. Em muitos casos, todavia, o entusiasmo desaparece quando o número de turistas aumenta, as facilidades tornam-se insuficientes e a pobreza é agravada. A população local passa a compreender a sua dependência econômica do turismo e que não mais controla ou mesmo é consultada sobre o destino de seu meio ambiente [...] (LAGE; MILONE, 1998, p. 18).

Pode-se citar outro exemplo que reflete os sentimentos da população local frente ao turismo a partir do artigo “A visão endógena dos extrativistas da Reserva Extrativista Marinha de Pirajubaé (Florianópolis, Santa Catarina, Brasil) sobre o turismo” (RIBAS; ZUCULOTO, 2012), em que os autores condensam os aspectos positivos e negativos que podem vir a ocorrer no cotidiano dos moradores locais, com a influência da atividade turística.

Segundo Ribas e Zuculoto (2012, p. 26), quando questionados sobre o que achavam do turismo em Florianópolis (SC), “todos os extrativistas entrevistados foram unânimes em considerar sua relevância para a cidade – enfatizando que é a maior fonte de renda do município”. Porém, os mesmos apontaram as modificações do modo de vida da comunidade alavancadas pela atividade. Conforme as palavras de um extrativista (RIBAS; ZUCULOTO, 2012, p. 26-27):

[...] eu, nativo, me criei em Floripa, e digo pra você que mudou muito aí a cidade onde eu cresci, aonde eu vivi, aonde eu vivo até hoje, e assim, eu não sou contra esta questão do turismo, mas tem que ser uma coisa meio que ordenada [...] aqui são dois Florianópolis, né, uma na temporada – turístico, verão, e outra no inverno. E às vezes a questão é complicada do turismo porque às vezes no verão você vai no mercadinho é um preço, e aí vai no inverno é outro. E a questão assim é que Florianópolis ter feito tanta propaganda de turismo, a gente é uma ilha, e a gente suporta uma certa quantidade de pessoas. Tá certo que governo tenta fazer infraestrutura, duplicar estrada, só que tem que ter um certo limite. E às vezes vem muita gente pra cá, muitas pessoas, e acaba que o preço das coisas pra nós vai lá em cima, e questão de trânsito, e engarrafamento, questão é que é tudo mais complicado. Aí eu vejo um lado positivo do turismo, da gente conseguir, assim... apresentar o nosso lugar, né. Trazer as pessoas pra cá, só que ter também um certo controle limitação pra não sobrecarregar – que aí é mais pessoas poluindo, é mais pessoas jogando lixo... E aí tem a questão boa do turismo, de você fazer um intercâmbio, de você vir conhecer um lugar e conhecer outro, mas também tem esta questão de controle [...]

As palavras do entrevistado remetem aos sentimentos de quem vem acompanhando a transformação territorial advinda por meio da atividade turística, bem como as relações sociais entre visitado e visitante. No entanto, há que se ter cautela, evitando estereótipos que culminam na figura do turista como ‘vilão’ e da população local como o ‘mocinho’. Nesse sentido, Barretto (2004, p.134) argumenta que:

O relacionamento entre visitantes e visitados varia de caso para caso, em função de uma série de circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis, o que obriga os pesquisadores a terem muita cautela na hora das inferências, evitando generalizações.

Determinados estudos apontam aspectos positivos no encontro entre visitantes e visitados. Um exemplo pode ser visto, conforme Gamradt (1995), na pesquisa realizada com crianças jamaicanas, para saber o sentimento delas em relação ao turismo e aos turistas estrangeiros.

Conforme o autor da referida pesquisa, crianças jamaicanas de seis diferentes escolas⁸ foram estudadas. A essas crianças foi pedido que desenhassem uma figura de um visitante que veio de muito longe. Para a análise das respostas, foi aplicado o método indutivo. Somente 18, de 319 participantes, expressaram opiniões negativas sobre os visitantes (turistas). Essas 18 crianças disseram que os turistas eram algumas vezes ruins, chatos e que podiam trazer doenças. Mas para a maioria dos participantes, os turistas eram legais, bondosos, amorosos.

Elas apontaram que os jamaicanos eram pessoas do bem, que queriam que os turistas se deslocassem a Jamaica para se divertirem. As mensagens escritas e os desenhos resumiram-se em um pensamento: “todos são bem-vindos” (GAMRADT, 1995). Essas palavras demonstram o exercício de alteridade possível para uma relação harmônica entre turistas e moradores locais, pelo menos para uma parcela da população jamaicana.

Como se pôde observar, o encontro entre turistas e residentes locais ocasionou mudanças no cotidiano da localidade visitada. Todavia, muitas questões levantadas não são cabíveis de resolução pelos turistas, mas sim aos dirigentes públicos e empresários do setor, na tentativa de estabelecer políticas públicas que visem à qualidade de vida da comunidade local, bem como a segurança e o conforto para os turistas. Indo ao encontro dessa afirmativa, Urry (1999) analisa que existem inúmeros determinantes de certas relações sociais que se criam entre “hospedeiros” e “hóspedes”, entre os quais:

a) O número de turistas que visitam um lugar em relação ao tamanho da população hospedeira e à escala dos objetos que estão sendo contemplados;

b) O objeto predominante do olhar do turista, que pode ser uma paisagem campestre, uma paisagem urbana, um grupo étnico, um estilo de vida, artefatos históricos, locais de recreação. As atividades turísticas que envolvem a observação dos objetos físicos são menos invasivas do que as que envolvem a observação de indivíduos e grupos;

c) O caráter do olhar envolvido e o resultante “acúmulo” de visitantes, espacial e temporal. O olhar pode ser algo que ocorra de forma rápida, como tirar fotos da Serra do Mar. Ou pode necessitar de uma apreensão maior, como ver/vivenciar o “romance” em Paris;

d) Até que ponto os turistas podem ser identificados como culpados por certas implicações econômicas, sociais e ambientais, com efeito, indesejáveis. Parece mais fácil culpar o visitante, sem rosto e sem nome, pelos problemas locais, relacionados com a desigualdade econômica e social. Ademais, algumas objeções locais ao

⁸ Em séries equivalentes ao Ensino Fundamental no Brasil.

turismo são, de fato, objeções à modernidade ou à própria sociedade moderna, à mobilidade e à mudança, a novos tipos de relacionamentos pessoais, entre outras. (URRY, 1999).

Ainda, conforme Barretto (2004), turistas e população local têm diversos graus de empatia, dentro de um leque que vai da simpatia à hostilidade, passando pela cordialidade, profissionalmente trabalhada. Para a autora, há uma tendência de que os relacionamentos entre visitantes e visitados sejam cada vez mais profissionais, à medida que os serviços turísticos e os próprios turistas se profissionalizam (BARRETTO, 2004).

Com relação a quem reside em locais turísticos, é importante destacar que muitos dos impactos apontados pelos residentes quanto às alterações negativas em seu cotidiano com o advento do fluxo turístico, em realidade, não são diretamente relacionados às questões de convivência entre visitantes e visitados, mas, sim, aos impactos ambientais ocasionados pela saturação do destino ou lugar turístico, não planejado para comportar o contingente de turistas, especialmente na alta temporada e nos feriados prolongados.

Considerações finais

Estudos sobre o cotidiano são válidos e extrapolam a ideia das amenidades e fatos supérfluos. Ao contrário, o cotidiano revela hábitos, costumes, e nele é inerente a linha tênue entre o ordinário e o extraordinário.

A “clássica” relação visitado e visitante convivendo em um mesmo espaço encontra-se no âmago do turismo enquanto fenômeno social. Embora repleta de idiosincrasias em tal relação, há que se ter, especialmente no âmbito das pesquisas acadêmicas, bem como no planejamento e na gestão do turismo e da hospitalidade, mecanismos que auferam valor e deem voz a ambos atores sociais.

Ao se restringir a abordagem do turismo pela ótica e lógica do mercado, possivelmente se abrem lacunas no que tange ao entendimento do turismo como um todo. Entre tais lacunas, pode-se identificar justamente a ausência de análise e apreensão das alterações do cotidiano dos residentes em locais turísticos frente ao fluxo em suas destinações, bem como a ausência de análise de todos os atores sociais que compõem o turismo. Nesse sentido, a contribuição de outras Ciências, entre elas a Geografia, especialmente em se tratando da Geografia Humana, podem contribuir para um olhar humanizado junto à atividade turística.

Em se tratando da relação cotidiano e turismo, observou-se que o turista agrega novas memórias ao imaginário popular dos lugares por ele visitados, demonstrando que a prática turística pode, efetivamente, ter a perspectiva do encontro, encontro entre pessoas, pessoas e lugares. Além disso, os visitantes são mensageiros de sentidos e interpretações sobre o tempo vivido em suas cidades de origem. Nesse sentido, vivendo experiências em outros lugares, se é capaz de ter uma visão mais aclarada do “seu” lugar.

Outra característica inerente ao turismo, a sazonalidade, pode ser futuramente aprofundada, haja vista o apontamento inicial por parte de moradores locais na Suíça (KRIPPENDORF, 2000), os quais apraziam a ideia da baixa temporada, ou seja, um

tempo para se restabelecerem da atividade turística, principalmente do grande fluxo em suas vidas o que gerava, segundo a percepção desses próprios moradores, uma qualidade na hospitalidade doméstica.

Por fim, salienta-se que a prática do turismo é para o turista a busca pelo extraordinário, a fuga do seu cotidiano. Para os residentes locais, a atividade turística, especialmente relacionada ao alto fluxo turístico, pode ocasionar alterações indesejáveis no seu cotidiano. No entanto, os efeitos positivos do turismo no cotidiano dos visitados também foram apresentados no presente trabalho. Em suma, de acordo com tais reflexões, pode-se perceber que cotidiano e turismo estão imbricados, assegurando a importância do estudo do cotidiano e sua contribuição para o turismo.

Referências

AIRES, J. D. M.; Fortes, L. O modelo Irridex de Doxey: breves considerações acerca de sua aplicação em Ponta Negra (Natal-RN). **Revista Iberoamericana de Turismo-RITUR**, v. 1, n. 1, p. 23-33, 2011.

BAHL, M. Conteúdos culturais e naturais em roteiros turísticos versus artificialismo induzido. In: BAHL, M. (org.) **Turismo: enfoques teóricos e práticos**. São Paulo: Roca, 2003, p. 141- 148.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. 283 f. Tese (Doutorado em Educação). UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2000.

BARREIRA, I. A. F. Lisboa sob o olhar do turista. **Revista de Ciências Sociais**, v. 41, n. 2, p. 24-35, 2010.

BARRETTO, M. Relações entre Visitantes e Visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. **Turismo em Análise**, v. 15, n. 2, p. 133-149, novembro 2004.

BEDIM, B. P; Paula, H. E. de. "Relatos visitados": história oral e pesquisa em turismo e hospitalidade. Considerações teórico-metodológicas. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 7 n. 1, p. 63-77, 2007.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, S. M. S. A Percepção do Turismo por Parte da Comunidade Local e dos Turistas no Município de Cajueiro da Praia – PI. **Turismo em Análise**, v. 21, n. 3, p. 470-493, 2010.

CASTRO, N. A. R. de. **O lugar do turismo na ciência geográfica: contribuições teórico-metodológicas à ação educativa**. 2006. 300 p. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**. Morar e Cozinhar, Petrópolis: Vozes, 1997.

COSTA, N. B. R. da. Impactos socioambientais do turismo em áreas litorâneas: um estudo de percepção ambiental nos balneários de Praia de Leste, Santa Teresinha e Ipanema – Paraná. **Revista Geografar**, v. 6, n. 2, p. 151-181, 2011.

CROUCH, D. Práticas e resultados turísticos. In: LEW, A. A.; HALL, C. M; WILLIAMNS, A. M. (orgs.) **Compêndio de turismo**. Lisboa, Portugal: Coleção Ciência e Técnica, Instituto Piaget, 2004.

DEL PRIORE, M. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.) **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 311-329.

DOXEY, J. **Development of tourism destinations**. London: Torbay, 1975

GANRADT, J. Jamaican children's representations of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 22, n. 4, p. 735-762, 1995.

GIL, A. H. C de F; Gil FILHO, S. F. Geografia do cotidiano: uma leitura da metodologia sócio-interacionista de Erving Goffman. **Revista Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 4, p. 102-118, 2008.

GONÇALVES, L. F. de. Geografia Humanística e Turismo: contribuições de enfoque humanista para o estudo do turismo. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, V., 2008, Caxias do Sul, RS. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2008.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HELLER, A. **Cotidiano e história**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.

KUSHANO, E. S. **Turismo, Infância e Cotidiano: percepções e sentimentos de crianças residentes em Matinhos (PARANÁ – BRASIL)**. 2015. 202 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

LAGE, B. H. L MILONE, P. C. **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LASTÓRIA, A. C.; MELLO, R. C. “Cotidiano” e “lugar”: categorias teóricas da História e da Geografia escolar. **Universitas**, Fernandópolis, v. 4 n. 1, s./p., 2008.

LEFEBVRE, H. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 1995.

_____. A terra fértil do cotidiano. **Revista FAMECOS**. n. 36, p. 5-9, 2008.

MENDONÇA, R. Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição? In: LEMOS, A. I. G. (org.). **Turismo: impactos sócio-ambientais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec., 2001. p. 19-25.

RIBAS, L. C. C.; ZUCULOTO, J. R. M. Os extrativistas da Reserva Extrativista Marinha do Pirajuba (Florianópolis, Santa Catarina, Brasil) – visões endógenas sobre a reserva e o turismo local. **Revista Turismo e Sociedade**, v. 5, n. 2, p. 391-422, 2012.

SARTOR, L. F. **Introdução ao turismo**. Caxias do Sul/Porto Alegre, Universidade de Caxias do Sul/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

SOUZA, H. R. de. Cotidiano na Geografia, a Geografia no Cotidiano. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 10., 2009, Porto Alegre. **Anais ...** Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 1-20.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo, Studio Nobel, 1999.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001.

WAINBERG, J. Turismo, comunicação e informação. Apostila apresentada ao curso de pós-graduação Comunicação e Turismo, em nível de extensão, da Universidade Metodista de São Paulo - UMESP. Maringá, 2002.

Revista

HOSPITALIDADE

ISSN 1807-975X

KUSHANO, Elizabete S.; BAHL, Miguel; SOUZA, Silvana do Rocio de. Reflexões sobre a importância do estudo do cotidiano e sua interface com o turismo. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, volume 13, pp. 92-108, agosto de 2016.